

## RESENHA

HARTSHORNE, Richard. Propósitos e natureza da Geografia. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

Por : Kirk Patrick a Cruz Vulcão<sup>1</sup>

### **Introdução: a necessidade e o propósito deste estudo**

O texto é uma resenha da obra de Richard Hartshorne - Propósitos e Natureza da Geografia. De maneira introdutória o autor evoca questões fundamentais concernentes à natureza e aos propósitos da Geografia como campo de estudos superiores. Ressalta que as críticas tendem a obscurecer as conclusões positivas. Dessa forma, propõe a reconsideração de dez questões fundamentais, constituindo cada uma o tema de um dos capítulos do livro.

Tais questões são tratadas de forma abreviada. Tal metodologia torna-se necessária em face da evolução do pensamento geográfico. Assim, Hartshorne promove a comparação entre os geógrafos alemães, franceses e britânicos. Acrescenta o quanto os debates acerca dos propósitos e o âmbito da Geografia encontraram espaço em livros, artigos e aulas inaugurais.

Enaltece a Geografia no âmbito do diálogo entre a exposição oral e escrita, os ensaios literários, estudos de erudição e a discussão de problemas metodológicos frequentes. Por conseguinte, a finalidade da Geografia é ampliar o conhecimento da realidade por parte do homem e o propósito dos trabalhos metodológicos consiste na elucidação de problemas de preocupação mútua.

A obra preconiza que a determinação da natureza, âmbito e propósitos da Geografia é constituída por um problema de pesquisa de caráter empírico. Determina o grau que as diferenças progressivas representam avanço do pensamento geográfico, resultado dos estudos e metodologias empregados. O julgamento lógico leva à ampliação de novas ideias no campo da Geografia.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em História pela Universidade Federal do Tocantins Campus - Araguaína - TO e mestrando em Geografia - linha Geo Territorial - PPG- Universidade Federal do Tocantins - G -Campus de Porto Nacional-TO. E-mail - kp\_vulcao@hotmail.com

Houve a necessidade de elaboração de novos critérios conceituais e meios mais eficientes de mensuração das relações existentes entre os fenômenos, em decorrência de trabalhos substantivos, em setores ou aspectos particulares de Geografia. Exemplo: métodos estatísticos, cartografia e outros com vista a uma maior rapidez e exatidão de correlações espaciais.

### **I – O que se entende por Geografia como o estudo da diferenciação de áreas**

A “diferenciação de áreas” foi introduzida por Sauer a partir de paráfrase da proposição de Hettner acerca do conceito de Geografia. Tal origem decorre da síntese efetuada por Richthofen a partir dos pontos de vista de Humboldt e Ritter. A proposta consiste no conhecimento do caráter das regiões e lugares por meio da compreensão da existência em conjunto e das inter-relações dos diferentes domínios da realidade e suas múltiplas manifestações a fim de compreender a superfície da terra em sua totalidade, no que concerne a organização natural, por continentes, regiões (maiores e menores) e lugares.

Destaca-se que a curiosidade universal humana, faz parte dos alicerces de toda a Geografia e o estudo comparativo de área torna científica a Geografia. Variações acerca de costume, ocupações, movimentos populacionais, aspectos físicos acerca do solo, relevo e clima demonstram que a ciência geográfica vai além do que um catálogo organizado de informações, mas uma tessitura quanto às relações e esses aspectos.

Hettner evidencia que as conexões e relações causais entre os fenômenos da Geografia ocorrem basicamente de duas formas: relações mútuas que existem entre diversos fenômenos num mesmo lugar, e as relações/conexões entre fenômenos de lugares diferentes. Para Hartshorne, o homem não apenas se desloca de um lugar para o outro, mas, movimenta coisas.

### **II – O que se entende por “superfície da terra”**

A superfície da terra decorre da limitação formal do campo da Geografia à crosta externa do planeta. O estudo da terra é visto como “o lugar da habitação do homem”. A

inclusão do envoltório atmosférico é parte do estudo, bem como a extensão em profundidade adentro da terra.

### **III – É a interação de fenômenos heterogêneos uma peculiaridade da Geografia?**

Fenômenos diversos são estudados pelos geógrafos. Estes consideram como parte integrante do seu campo de estudos as mesmas matérias que são objeto de estudo de outras disciplinas. A multiplicidade de fenômenos, na superfície da terra constitui uma unidade e a especialização deve ser atingida pelos estudiosos, individualmente ou em grupos, dentro da própria Geografia.

Ao pressupor-se o estabelecimento de que a paisagem é uma região e esta é um objeto, afirmar que o estudo da Geografia se constitui de regiões resulta no cuidado de uma heterogeneidade de elementos. A interpretação das relações entre os fenômenos, se estendem através do espaço e a síntese das inter-relações dos fenômenos, que confere caráter a uma área, é uma forma de integração nas atividades científicas.

O estudo em um campo sistemático envolve a análise e a síntese de fatores. O emprego de métodos sistemáticos e objetivos de seleção, resultam em hipóteses de relações e processos entre os diferentes fenômenos que levam à descoberta de relações intercasuais.

A Geografia estuda fenômenos de ilimitada diversidade, segundo interrelações da maior variedade. Os estudos de categorias individuais de fenômenos são devidamente atribuídos às várias ciências sistemáticas. A superfície consiste em integrações formadas por uma grande diversidade de fenômenos inanimados, biológicos e sociais, variando de lugar a lugar, com interrelações significantes.

### **IV – Qual a medida da “significância” em Geografia**

A análise do “complexo total” não é praticável, como também não deve ser postulada como alvo teórico. A Geografia não pode apresentar todos os fatos de uma área, do mesmo modo que a História não pode registrar tudo que houver ocorrido.

Inicia-se com um aspecto ou tópico particular, o qual com base no conhecimento geral de muitas áreas, ou mediante observações de uma área, julga-se a interrelação a outros fenômenos a ponto de constituir um aspecto significativo, digno de estudo. A partir da significação, é necessário pensar em relações, que precisam ser verificadas, antes de serem ou não incluídas no estudo.

#### **V – Devemos distinguir entre fatores humanos e fatores naturais?**

O autor evoca que anteriormente, não existia uma palavra comum, capaz de descrever o conjunto da natureza, dele excluindo o homem. Ressalta o contraste entre a “paisagem natural” e a “paisagem cultural”. Só pode existir uma paisagem num lugar: se o homem nele não houver estado, ela não poderá ser uma paisagem cultural; se o homem houver entrado em cena, a paisagem natural estará perdida para sempre.

Enaltece que muitos estudiosos confundem num só conceito o que realmente se constitui de três: a “a paisagem primeva” - a paisagem natural de origem, anterior a intervenção humana; a “paisagem silvestre” - alterada e não controlada pelo homem; e a atual “paisagem natural” - conceito teórico, desprovido da ocupação humana em qualquer área povoada.

O processo consiste na decomposição do que existe na área, em aspectos que apresentam inter-relação, a exemplo da vegetação e o solo, os transportes e as vias navegáveis, as estruturas urbanas e as formas de relevo sobre as quais se situam. Os aspectos geralmente considerados de origem humana, são o produto da interação de fatores humanos e naturais, em determinada época. Os “fatores naturais” são observáveis à primeira vista. Se for reconhecido que os “fatores culturais” desempenham um papel causal nessa relação, situam-se como “causativos” ao lado das “causas naturais” e a formulação feita não dicotomiza os fatores humanos dos fatores não-humanos.

As relações entre aspectos humanos como fatores causais em determinadas áreas, podem, a nível de efeitos, ser consideradas de maneira particular. As condições naturais permitem determinados tipos de produção econômica e, em decorrência desse fato, a população será densa ou esparsa. Ressalte-se que nenhuma pesquisa geográfica há de

pretender realizar uma investigação completa de todas as relações entre os diversos fatores.

Um estudo das relações do homem com o meio natural será incompleto se não explicitar em que grau as atividades do homem são determinadas pelas condições desse meio natural. O “possibilitismo” é a alternativa mais comum ao “determinismo”. Oriunda de Fevbre e inspirado em Vidal de la Blache, acentua a importância das relações entre o homem e a natureza na Geografia. Esse viés, enfatiza o elemento da incerteza nas relações entre o homem e o meio natural, em face das variações entre as culturas como também do arbítrio individual. Estabelece possibilidades, entre as quais ele pode exercer sua escolha. Povos diferentes, em meios idênticos, podem comportar-se de maneira diversa.

Todos os aspectos da vida humana estariam abertos aos estudos. A Geografia, procura analisar a complexidade dos fenômenos que se integram na realidade, examina as relações que existem entre os fenômenos, de quaisquer tipos, que se revelem significantes na integração total. A natureza particular dos fenômenos é que determina as relações.

## **VI – A divisão da Geografia em campos tópicos. O dualismo entre a Geografia Física e a Geografia Humana**

Segundo Hartshorne, é absurdo considerar a Geografia Humana como separada da Geografia Física. O homem pertence à terra, é terrestre. Qualquer obra material do homem, quer seja uma casa, uma fazenda ou uma cidade, constitui uma combinação de elementos naturais e culturais. Ele evoca perspectivas de que para Humboldt como para Kant a Geografia Física incluía o homem e é essencial à unidade da natureza. Portanto, a divisão da matéria em “Geografia Física” e “Geografia Humana” é uma falsa divisão.

O que se observa na terra, na água e até mesmo no céu resulta da interação de muitos elementos que incluem fatores humanos e não-humanos. Os fatos observados constituem as principais divisões dos aspectos da terra, mas formam infinitos aspectos individuais.

As integrações que interessam à Geografia são as que variam de lugar a lugar. Qualquer sistema divisório da unidade terrestre é arbitrário, corta e separa inter-relações reais. Ao estudar as relações que existem entre os aspectos da terra, a Geografia analisa

esses aspectos para explicar as suas inter-relações, sem levar em conta o fato delas poderem ou não ser descritas em termos de “leis naturais” ou de “leis sociais”.

## **VII – Tempo e gênese em Geografia**

A Geografia almeja compreender o mundo como ele é. Para tanto, uma certa extensão de tempo há de ser incluída no que denominamos o presente. Não apenas os aspectos estáticos, mas os que estão em movimento. O (re)corte que faz através do tempo deverá ter certa espessura, ou duração, para que possa proporcionar um quadro representativo das situações atuais. Trata-se de mudanças cumulativas.

Para determinar as tendências do presente examina-se o curso das mudanças através de um certo período do passado, mais longo do que o exigido para medir as outras características do presente. Torna-se necessário examinar relações estabelecidas num dado tempo, no passado, quando pelo menos alguns dos fenômenos apresentavam caráter muito diferente. A Geografia deve utilizar de material histórico para explicar a presença e o caráter dos aspectos atuais.

Os limites da extensão do passado são necessários ou desejáveis para investigar o desenvolvimento dos aspectos de hoje, e o grau em que os estudos geográficos do presente devem ser organizados em sequência histórica. Os geógrafos estudam o passado não só como “a chave do presente”, mas também em função do seu próprio conteúdo geográfico. A dimensão histórica do tempo se combina às dimensões do espaço.

O modo pelo qual tais formas se relacionam, apresentam muitos problemas cuja análise exige intenso esforço intelectual. A classificação é, incompleta sob muitos aspectos. Na Geografia, a compreensão das características de relevo é manifestamente essencial ao estudo das variações, não apenas em termos de tipos genéricos, mas também possibilitar uma compreensão do caráter de toda e qualquer área do mundo.

Quanto à história das mudanças geográficas, podem de fato assumir importância capital. No estudo de condições passadas sob a perspectiva dos aspectos culturais existentes, os problemas são consideravelmente mais complexos do que ocorre em referência à maioria dos fenômenos naturais. Deve haver equilíbrio racional quanto à profundidade em que se investiguem, no passado, os vários fenômenos e relações.

O autor ressalta a distinção entre descrição expositiva e descrição explicativa. Rememora a Mackinder: “a Geografia deve ser uma descrição dotada de relações causais em sentido dinâmico, e não em sentido genético”. Considerada a multiplicidade de aspectos culturais, nem todos são igualmente significantes para a integração dos fenômenos nas áreas. Selecionam-se os aspectos culturais de significância para a variação da integração em áreas, ou que revelem claros indícios, que não possam ser medidos de maneira direta.

A geografia de um período anterior só é “histórica” no sentido de que trata do passado, e não no sentido de desenvolvimento. O problema de analisar o conjunto de variações através do espaço e do tempo, simultaneamente, é complexo. Para que estudos integrados de História e Geografia sejam praticáveis ao nível das pesquisas, deve-se eleger a especialização de seções muito limitadas de tempo e espaço.

O homem está intimamente associado às outras variáveis das áreas. O estudo da Geografia, se excluído o homem, consistirá num estudo das integrações, desprovido do principal e elemento integrador. Ao considerar a terra como morada do homem, a preocupação se estende a toda a raça humana através de sua história.

A descrição primária da geografia é factível se possuímos depoimentos de testemunhos. A descrição de relações individuais exige a análise de relações de processos que remontem ao passado. As descrições documentadas de observadores proporcionam elementos permitem, combinados às observações de aspectos atuais, considerar a geografia de um tempo histórico anterior como se fosse o presente.

### **VIII – Divide-se a Geografia em “sistemática” e regional**

Considerar ou não a Geografia como uma ciência é uma questão que não pode ser resolvida pela amputação de importantes segmentos da disciplina como um campo do conhecimento. As integrações complexas de fenômenos que variam através das áreas constituem tal realidade. Descrever, analisar e explicar essas diversas integrações, suscita problemas que são, difíceis de resolver.

As relações e conexões se distribuem, das mais estreitas até as que são muito tênues. A combinação total de aspectos pode ser dividida em segmentos, cada um deles incluindo aspectos em certa medida estreitamente inter-relacionado. Não é fácil, na

Geografia, determinar a decomposição em categorias a complexidade de fenômenos e lugares.

Ao determinar quais fenômenos incluir, selecionam-se os que revelam correspondência em variações de áreas, sugerindo a existência de estreitas relações entre si, ou de relações de dependência a um fator dominante comum. É impossível estudar o conjunto total de fenômenos significantes da geografia de uma área. Apresenta-se o estudo de cada um dos segmentos, em que medidas variam independentemente, dentro da mesma área, e por menor que ele seja, não integra o complexo total.

Não há dicotomia ou dualismo. Verifica-se uma gradação ao longo de um *continuum*, estudos tópicos e estudos regionais. Os fenômenos de origem humana podem ser muito difíceis de classificar segundo tipos funcionalmente significantes, a exemplo dos que lidam com dados censitários ou realizaram o mapeamento de estruturas urbanas.

O procedimento de análise do complexo de fenômenos a serem estudados em suas variações espaciais, determina quais elementos que podem e devem ser estudados como unidades integradas, sem levar em consideração a natureza de seus elementos individuais.

A divisão regional, não proporcionará um quadro completo das variações espaciais da integração global. Fornecerá descrições do caráter dessa resultante, constituindo um quadro generalizado da situação real na região que se pretende descrever, na qual a integração global varia menos que na área inteira. Deve-se reconhecer a individualidade cada área do mundo, pois a localização de uma área não se repete, às outras áreas do mundo.

O conceito geográfico de região surgiu da necessidade de dividir-se em partes uma área maior, cada uma dessas partes é estudada em termos de integração máxima. Uma “região” é uma área de localização específica distinta de outras áreas. Uma divisão em regiões obriga o pesquisador a tomar decisões subjetivas ao pesar a importância dos diferentes fenômenos. Por exemplo: as relações de semelhança e diferença entre os fenômenos num mesmo lugar, e as conexões entre os fenômenos de lugares diferentes.

O sistema de regiões baseado na classificação de um ou mais aspectos independentes é uma forma generalizada de apresentação de uma distribuição, e para a

Geografia, tem a mesma relação que qualquer outra forma de apresentação dos fatos de distribuição. A região expressa a territorialidade de uma generalização lógica de relações e de processos, configurando-se em explicação da geografia de uma área. A unidade de área considerada é baseada nas conexões dinâmicas entre os fenômenos, em diferentes lugares.

A região formal, e a região funcional, são conceitos de integração parcial, a abordagem tópica. Independente da extensão da área estudada, analisa-se uma integração de fenômenos complexa, que varia conforme as áreas, também complexa. Esse conceito de região não pode ser estabelecido mais rigorosamente do que o significado comum da palavra, o qual indica uma área que, particularmente, é diferente de outras áreas.

### **IX – Procura a Geografia formular leis científicas ou descrever casos individuais?**

Originalmente, a preocupação dos geógrafos foi estabelecer conceitos e princípios gerais, por meio do estudo de categorias particulares de fenômenos. Os geógrafos preocupam-se em observar tipos diferentes, apresentar descrições completas e o máximo de interpretações de casos individuais.

O que se espera da Geografia, e o que os geógrafos oferecem, é uma descrição explanatória de fenômenos que constituem as áreas e regiões, considerando-se o seu interesse intrínseco e sua expressão de conjunto. A complexidade nas ciências sociais permite a integração parcial em tipos restritos, compostos de muitos elementos, por meio do conceito de uma herança social comum.

Permanece uma área oculta no campo das ciências sociais, que não é explicada por leis científicas. A Geografia se preocupa em conhecer e compreender casos individuais e decorre diretamente de sua função com o estudo dos lugares. O conceito de lugar, como o de pessoa ou de evento, consiste, em essência, num conceito do que é específico. A capacidade de análise e interpretação das inter-relações dos fenômenos exige o emprego de conceitos genéricos. Os geógrafos oferecem cenários, e informações, para o planejamento do futuro. É um produto resultante de conhecimentos científicos acerca do que foi observado.

Nesse sentido nota-se a descrição de fenômenos com o máximo grau de precisão e certeza; a classificação dos fenômenos em termos de conceitos genéricos ou

universais; a compreensão das inter-relações específicos dos fenômenos; a organização dos resultados em sistemas ordenados.

A descrição em Geografia envolve, um grau artístico, não no sentido de impressões subjetivas, mas na objetividade do discernimento e visão baseados no conhecimento das relações que podem ser mensuradas. O estudo busca proporcionar a descrição científica da terra como o mundo do homem.

### **Referência**

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1978.